

Herberto Helder

Ofício Cantante

Assírio & Alvim

Rios sem fim de textos analíticos hão-de continuar a escrever-se sobre a obra e personalidade de Herberto Helder e o poeta será sempre notícia pelo que de sua autoria apareça no mercado. Assim foi recentemente, assinalando-se a publicação de *A Faca Não Corta o Fogo*, logo esgotado e sem lugar a segunda edição. E agora aí temos “poesia completa” sob o título *Ofício Cantante*, recuperado do volume saído em 1967. A pintura, de Ilda David, que ilustrou *A Faca (...)*, volta a reproduzir-se na capa dura e contracapa desta antologia, talvez no propósito de realçar o “poema contínuo” que acaba por ser toda a criatividade herbertiana, movimento incessante, evoluindo na busca de uma coesão indissociável da metamorfose e da interligação natural de todas as coisas.

Por mais de seiscentas páginas passam, entre outros, poemas de *A Colher na Boca*, *Poemacto*, *Cinco Canções Lacunares*, *Antropofagias*, *Flash*, *Última Ciência*, *Do Mundo* e *A Faca Não Corta o Fogo*. Herberto Helder, 78 anos, vem depurando o que escolhe para as diversas “súmulas”. Na actual “poesia completa” mantém retirados os “poemas mudados para português” de *O Bebedor Nocturno* e de *As Magias*, inseridos, por exemplo, na *Poesia Toda* de 1990, os quais representam uma faceta importante da intertextualidade e da sua arte de traduzir. Uma opção, porventura, no sentido de (re)organizar um “corpus” estilístico uno na alquimia e metamorfose da linguagem, na imagística, num singular poder metafórico.

Comparando com a inédita de *A Faca Não Corta o Fogo*, uma dezena de outros “andamentos” poéticos ocupam o espaço final de *Ofício Cantante*, embora o autor (hábito seu) não os identifique como

inéditos. De um deles, sublinhamos o fragmento: "aos vinte ou quarenta os poemas de amor têm uma força directa, / e alguém entre as obscuras hierarquias apodera-se dessa força, / mas aos setenta e sete é tudo obscuro, / não só amor, poema, desamor, mas setenta e sete em si mesmos / anos horrendos, / nudez horrenda, / (...)".

Tal como sangue, casa, mãe, também a morte atravessa a lírica de Herberto e intensifica-se enquanto aguda inquietação em versos desta antologia: "não chamem logo as funerárias, / cortem-me as veias dos pulsos pra que me saibam bem morto, / medo? só que o sangue vibre ainda na garganta / e qualquer mão e meia me encha de terra a boca, / sei de quem se tenha erguido, de pura respiração apenas, do fundo da madeira, / (...)".

Homem de silêncios, enigmático, socialmente secreto, controverso, poeta transgressor e transfigurador, diz-nos ainda: "o ministério lírico, o mais grave e equívoco, o dom, não o tenho, espreito-o, leitor, / por cima do ombro de outros, / (...)".

Personagem que tem levado "a vida inteira para fundar um poema, / a pulso, / " e deseja "(...) que o idioma se fira na boca inábil que o diga, / (...)", Herberto Helder é uma totalidade real e mítica, há meio século a marcar a poesia portuguesa, perseguindo as palavras até à impossível perfeição do universo.